



JORNAL DE GARVÃO

Verba Volant Scripta Manent

Nº 31 - Verão de 2024

1.00 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Colecção de LUÍS da PARREIRA pág. 8



BRASÃO EM PANO EMOLDURADO Na Junta de Freguesia Pág. 11



A RODA DOS EXPOSTOS Nos Assentos de Baptizo em Garvão Pág. 10



MARIA D'ASSUNÇÃO AMARO - LILA- Pág. 9



ANTÓNIO MARTINS QUARESMA Apresentou novo Livro Pág. 5

JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO Apresentou livro em Ourique Pag. 7



HÁ 50 ANOS NO LARGO DO CARMO Pag. 4

A MAMOA da Estação de Garvão Pág. 13



Editorial

Passado, Presente e Futuro.

Considerando o conceito de património, enquanto classificação atribuída no presente a construções que na sua maioria foram criadas no passado e que se pretende transitem para o futuro, é de realçar a importância do conhecimento histórico, como forma de conferir valor a esses testemunhos, de os projetar para o futuro e de lhes atribuir a devida importância patrimonial.

A indecisão pauta-se entre a opção em manter a ruína até ao seu esquecimento, ou pela recuperação desse património e nesta perspectiva salvaguardar um passado que embora corresponda a diferentes épocas e modos de viver, mas cuja salvaguarda e conhecimento é necessário para valorizar o presente que merecem ser guardados.

Os patrimónios materiais ou mesmo memoriáveis, perdem o seu sentido para as gerações seguintes quando não são devidamente salvaguardados e divulgados, ou desaparecem os conhecedores das memórias, aqueles que possuíam as lembranças e tradições que lhes estavam associadas, e não se levam a cabo as ações de identificação, estudo e divulgação com vista ao registo e à valorização desse património.

Se não for dada a conhecer às novas gerações, a história ligada ao património legado pelos seus antepassados, através da investigação, intervenção e divulgação histórica, o seu significado perde-se e muito dificilmente lhes continuarão a ser valores, ou a ver neles qualquer traço de identidade e valorização.

A reconstrução daquilo que nos chegou do passado, ou apenas a consolidação do existente, (como opções essenciais na preservação do património, ainda que o estado de degradação seja elevado), para que não desapareça por completo e deixe de fazer parte da nossa lembrança colectiva, permitirá, não só um maior conhecimento do património associado à memória, mas, também à revitalização da economia e à criação de emprego, já que o património histórico-cultural é uma atividade económica e a patrimonialização valoriza o bem conservado.

Contudo, se o seu valor patrimonial se cingir ao estudo pelos especialistas, corre o risco de não ser devidamente valorizado pela comunidade, mas se essa importância for divulgada e dada a conhecer ao público em geral e à comunidade que lhe diz directamente respeito em particular, o mesmo pode vir a ser entendido e conseqüentemente valorizado como património, como um símbolo identitário que se quer preservar e transmitir, impedindo-se que fique esquecido no passado.

JORNAL DE GARVÃO

<http://garvao.blogs.sapo.pt>

Publicação Anual. Ano da Fundação: 1994.

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Editor: José Pereira Malveiro.

Colaboradores: José Daniel Malveiro, Francisco

José Alves, Mariana Alexandre, Fernanda Cunha.

APOIOS: - Câmara Municipal de Ourique

- União de Freg. de Garvão e Santa Luzia

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 13 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade

Mensagem do Coronel Vasco Lourenço Presidente da Direcção da Associação “25 de Abril”

Aos Garvonenses nomeadamente aos responsáveis pela sua Junta de Freguesia, através do Almirante Alvaro Sabino Guerreiro, presidente da Assembleia geral da Associação 25 de Abril, tenho o maior prazer em vos enviar uma saudação de Abril, na evocação dos 50 anos do acto em que o Movimento das Forças Armadas libertou Portugal da ditadura fascista e colonialista, que há 48 anos nos subjogava.

Hoje volta a ser necessário e imperioso unir-nos à volta dos ideais e dos valores de Abril - Liberdade, Paz, Justiça Social, Igualdade - para garantirmos a continuação de um Estado Democrático.

Força, amigos!

25 de Abril, sempre!

Abraços de Abril

Vasco Lourenço

Mensagem 25 de Abril de 2024

Estamos a chegar ao 50º aniversário do dia em que, interpretando os sentimentos do povo, os Capitães de Abril libertaram os portugueses de uma ditadura, repressiva e retrógrada e puseram fim a uma longa, injusta e inútil guerra colonial, que os ditadores impunham, recusando a procura de soluções políticas para o conflito que, teimosamente, diziam ser feito em nome de uma civilização ocidental e cristã, quando os próprios ocidentais e cristãos a repudiavam há muito tempo.

Uma libertação que abriu as portas à Democracia, para que os portugueses exercessem os mais elementares direitos de cidadania de que há muito estavam privados e que lhes garantiu que fizessem as suas escolhas políticas, que têm permitido que o país voltasse a ser respeitado na comunidade internacional e que caminhasse para a construção de uma sociedade mais livre, desenvolvida, justa e solidária.

Com aquele “dia inicial, inteiro e limpo” como se lhe referiu Sophia de Mello Breyner, abriram-se também as portas a uma intensa participação popular que, apesar das contingências e da complexidade do percurso então percorrido, permitiu a consolidação de um regime democrático e a construção de um Estado de Direito assente nas regras definidas numa nova Constituição, que pode ser vista como a maior das realizações dessa gesta popular, que os libertadores possibilitaram, acarinham e defenderam.

Simultaneamente, estamos a chegar ao 42º aniversário de uma instituição - a Associação 25 de Abril - fundada pelos Militares de Abril que, dando continuidade à sua acção libertadora, se congregaram, chamando todos os cidadãos, nacionais ou estrangeiros, que se quisessem envolver na defesa e manutenção dos valores com que se haviam comprometido, perante Portugal e o mundo.

Hoje, vivemos tempos de incerteza e enorme preocupação, no que respeita a esses valores - Liberdade, Paz, Democracia, Justiça, Igualdade.

A instabilidade internacional e as guerras continuam muito activas e ameaçam alastrar, mesmo à nossa porta.

Novos ditadores estão no terreno ou ameaçam surgir no horizonte.

Os valores de Abril, que então floresceram em várias partes do mundo, estão ameaçados, não só em Portugal, mas também em muitas outras regiões.

É, por isso, que a Associação 25 de Abril sente necessidade de reafirmar, nesta evocação dos 50 anos do 25 de Abril e na prossecução da sua essência e natureza, que é imperioso assumirmos, com coragem e determinação, a luta pela defesa e manutenção da Liberdade conquistada nessa radiosa madrugada.

Liberdade que temos conseguido manter e da qual não abdicamos. Liberdade essencial para prosseguir na sociedade democrática, que almejamos manter e que queremos mais livre e mais democrática, mas também mais justa, igual e solidária, em ambiente de Paz e de Progresso, o que só é possível se for suportada nos valores de Abril.

Por isso, reafirmamos 25 de Abril, Sempre!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!



Álvaro Sabino Guerreiro

Vice-Almirante Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação “25 de Abril”

No dia 16 de março de 2024, participei em Garvão nas comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos, um evento organizado pela Junta de Freguesia. Tratou-se de um evento muitíssimo bem organizado. A casa cheia, demonstrou à partida que a acção do MFA em 25 de abril de 1974 não foi esquecida e está no coração dos portugueses.

Enquanto Presidente da Mesa da Assembleia da Associação 25 abril (A25A), dei conhecimento prévio à Direcção de que tinha sido convidado para este evento, sendo que o Presidente da Direcção, Vasco Lourenço, fez logo questão de enviar uma mensagem dirigida aos garvanenses, mensagem que se transcreve neste número do Jornal de Garvão.

Tendo na altura sido convidado para integrar a mesa, dirigi-me de improviso à vasta audiência, para sublinhar o valor central que presidiu à Revolução dos Cravos - a Liberdade. E recordei que a Liberdade é como o ar que se respira. Sendo o respirar um acto reflexo em que não pensamos em todo o momento, pensamos imediatamente nele quando por qualquer razão (doença ou o fumo de um incêndio) o ar nos faz falta. E faz sempre muita falta. É essencial.

O 25 de abril foi feito para devolver a Liberdade ao Povo português e quando isso aconteceu, foi o que se viu e que está abundantemente divulgado em documentos vídeo e de áudio. A alegria do Povo foi imensa e contagiante. Depois as pessoas habituaram-se, e bem, a viver em Liberdade, que passou a ser considerada como algo adquirido e definitivo em que não é preciso pensar todos os dias.

Ainda bem que assim é, mas há que ter atenção. Como numa horta, que precisa de rega, de fertilizantes, de podar as árvores, de eliminar as ervas daninhas, a Liberdade precisa ser cuidada todos os dias, sobretudo quando o mato e as ervas daninhas tendem a diminuir o espaço disponível para obtermos na nossa horta os alimentos de que precisamos. Este é um fenómeno que está a acontecer não só em Portugal, mas em vários países na Europa e por esse Mundo fora, onde infelizmente muitos povos não desfrutam da Liberdade que temos e de que deveremos fazer bom uso. A Liberdade só será definitiva se nós quisermos e nos preocuparmos com ela.

Lembrei os meninos que andaram comigo na Escola de Garvão há muitos anos. Muitos pertenciam a famílias com muitas dificuldades. Para muitos não havia sapatos, nem brinquedos, nem comida saudável. Moravam em casas muito modestas, algumas delas no Castelo. A minha família deu-me a oportunidade de estudar fora de Garvão e construí a minha carreira na Armada atingindo um posto elevado. Mas isso não foi por ser o melhor e o mais inteligente da turma composta por aqueles meninos. Foi porque tive as oportunidades que muitos não tiveram e as aproveitei. O 25 de abril também foi, com todos os problemas que demoram em ser resolvidos, a possibilidade de se instaurar um quadro de oportunidades muito mais favorável do que antes para os mais desfavorecidos. Liberdade rima perfeitamente com Igualdade e também rima com a Responsabilidade que todos devemos assumir por um Portugal e um Mundo melhor.

Homenageei os presos políticos de Garvão do antes do 25 de abril de 74, que o Jornal de Garvão oportunamente referiu nas suas páginas. Nunca quiseram benefícios para eles próprios e alguns e as suas famílias sofreram imenso às mãos da polícia política, o instrumento de que os mandantes se serviam para silenciar o Povo. Gente que merece o nosso respeito e que nunca deve ser esquecida. Gente que foi precursora dos Capitães de Abril. Bem haja o Jornal de Garvão por não esquecer.



As Comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril em Garvão

No dia 16 de Março de 2024, dia do levantamento militar do Regimento de Infantaria 5, sediado nas Caldas da Rainha, precursor do movimento militar que culminaria com a revolta do dia 25 de abril do mesmo ano e que acabaria com o regime ditatorial em Portugal, realizou-se nos antigos Paços do Concelho de Garvão, uma iniciativa que contou com a presença dos autarcas locais, de militares de Abril, na pessoa do Sr. Almirante Álvaro Sabino Guerreiro, do Sr. Capitão de Mar-e-Guerra Heitor Sequeira Alves, do Sr. Tenente Coronel Francisco de Almeida Alves, Sargentos e Praças que prestavam serviço pelo 25 de Abril de 1974; contou igualmente com a presença do Sr. Presidente da Câmara, Dr. Marcelo Guerreiro, Vereadores, Assessores, Presidentes da Junta de Freguesia e da Assembleia da União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia.

Esta iniciativa contou com o apoio da Câmara Municipal de Ourique e da União de Freguesias local. Assistiu-se a uma sessão solene, onde as várias individualidades focaram a importância desta data para a democratização da sociedade portuguesa e do fim da guerra colonial, assim como a sua relevância para o progresso económico do país e o bem estar do povo português que se tem vindo a observar desde então.

Houve um momento de poesia alusivo à data histórica. No final, houve lugar a um beberete que permitiu o convívio entre uma larga percentagem da população residente e não residente.



COMEMORAÇÕES dos 50 ANOS do 25 de ABRIL de 1974 Há 50 anos no Largo do Carmo (Na primeira pessoa)

A manhã tinha acordado fresquinha. Na rádio ouvia-se o hino nacional e, o programa das Forças Armadas.

Dezassete anos. Pacote (moço de recados), em Lisboa, na empresa *Nova Idade* que publicava os jornais: *O Volante* e *O Musicalíssimo*.

Mário Ventura Henriques, (preso em Caxias e solto pelo 25 de Abril), José Vaz Pereira, Bernardo Brito e Cunha (BBC), entre outros, eram os “colegas”.

Também por lá passaram, Zeca Afonso, José Saramago e Lino de Carvalho, (igualmente preso no forte de Caxias e libertado pelo 25 de Abril), no projeto de um novo jornal.

Dias antes, na sede da PIDE, na rua António Maria Cardoso, a entregar ou receber documentos.

Dias depois, numa quinta-feira, a 25 de Abril, na rua da PIDE, as balas zumbiam no ar e assistia ao assassinio de cidadãos.

No quartel do Largo do Carmo, um militar manda afastar os populares e ouve-se as rajadas e as paredes metralhadas.

Saiu um carro preto. Sai um carro de combate. Rende-se Marcelo Caetano aos militares revoltosos.

Nos dias seguintes era a festa da liberdade, das manifestações espontâneas, o grito amordaçado, durante tantos anos, que se soltava. O país assistiu a uma exaltação popular, como nunca antes tinha vivido, só quem assistiu e viveu estes

dias a poderá ter, fora do seu círculo familiar, como o dia mais marcante da sua vida.

Desse dia ficou a lembrança, uma foto no jornal *República* (do dia 26) e um capacete de ferro do assalto à sede ou a alguma delegação da Legião Portuguesa no Bairro Alto.

Hoje passados tantos anos, admiro a coragem e a maturidade destes jovens oficiais com pouco mais de trinta anos. De um jovem oficial - que agora sei que se chamava Salgueiro Maia - da sua maturidade em lidar com uma situação potencialmente explosiva e delicada.

De um jovem oficial que agredido por um Brigadeiro, afecto ao regime, se manteve firme na sua dedicação à revolução.

De um comandante de um navio e, de uma frota, que se recusou a abrir fogo sobre os camaradas revoltosos e sobre uma população indefesa, só porque saiu á rua em defesa da liberdade.

De um soldado artilheiro de um carro de combate que preferiu fechar-se dentro do tanque e desobedecer a ordens superiores, do que a disparar contra os colegas revoltosos e de um segundo-comandante, afecto ao regime, que compreendeu a situação e impediu uma carnificina.

Situações potencialmente conflitantes que poderiam ter descambado num banho de sangue e pôr em risco uma revolução que hoje se identifica como revolta, esperança, liberdade e o entusiasmo de uma população amordaçada e frágil, como os cravos vermelhos que a simbolizam.

O Editor.



Jornal República de 26 de Abril de 1974.

Assinalado, em círculo branco, o Editor deste Jornal de Garvão.



Capacete de Ferro. Que trouxe do assalto à sede ou delegação da Legião Portuguesa, no Bairro Alto, em Lisboa, pelo Editor deste Jornal e outros populares.

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Tel. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LUBRIFICANTES
SHELL

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS

FUNERARIA ALENTEJANA
Funerais e trasladações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
7690-909 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funalentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
loja 30 Cave
Rua Gago Coutinho 72
7665-820 Saboia
Tel - 263 882 117
Estrada Nacional
Luis demira

Joaquim Gonçalves 938610895
Elio Guerreiro 969163670
932609540
Pedro Gonçalves 932609541



O Historiador António Martins Quaresma

Apresentou o Livro: *Porto Covo - O Iluminismo no Litoral Alentejano*

A Câmara Municipal de Sines apresentou no dia 29 de Fevereiro, no seio da sua participação na BTL - Bolsa de Turismo de Lisboa 2024, o livro “Porto Covo - O Iluminismo no Litoral Alentejano”, da autoria de António Martins Quaresma.

A edição do livro, coordenada pelo Museu de Sines, dá seguimento ao estudo da história de Porto Covo iniciado com uma monografia do mesmo autor sobre o forte do Pessegueiro, publicada em 2009.

O cerne da obra é a fundação da povoação de Porto Covo, em finais do século XVIII, pelo homem de negócios Joaquim Fernandes Bandeira, e o projeto arquitetónico, de matriz iluminista, desenvolvido pelo arquiteto Henrique Guilherme de Oliveira.

O livro disponibiliza também conteúdos que permitem enquadrar a criação da aldeia no papel portuário que

Porto Covo desempenhou ao longo da história e a sua evolução de porto marítimo a estância turística que conhecemos hoje.

Como refere o presidente da Câmara Municipal de Sines, Nuno Mascarenhas, na apresentação, este “é um livro que se destina a apoiar os turistas interessados em conhecer melhor a região e em despertar a curiosidade de quem ainda não a conhece, mas é também uma obra para os habitantes de Porto Covo, especialmente destinado às gerações futuras, para conhecerem melhor as suas raízes e valorizarem o esforço dos seus antepassados.”

O presidente da Câmara deixa também um agradecimento a António Martins Quaresma, “não apenas por esta notável obra, mas também por toda uma vida de trabalho intenso e apaixonado em prol do património da nossa região”.
IN: radiosines.sapo.pt



História, Património e Cultura nas obras de António Martins Quaresma

António Martins Quaresma, doutorado em História, tem desenvolvido trabalho de investigação em especial sobre esta zona do Alentejo, tratando temas diversos, como a organização político-administrativa do território, economia, urbanismo, religião, fortificação marítima e história portuária entre outros, dos quais se apresenta alguns livros da sua extensa obra literária. Em 2018, apresentou em Garvão, a exposição “Garvão – séculos de história” nos antigos Paços do Concelho desta Vila e em várias edições deste Jornal, se tem feito referência sobre várias matérias e cuja investigação foi decisiva sobre a localização da Igreja da Misericórdia e a primitiva Igreja Matriz, danificada pelo terramoto de 1755.

“Natural de Vila Nova de Milfontes, nasceu no largo agora intitulado pelo seu nome, que entre ruas e travessas foi quintal durante a sua infância e juventude. Licenciou-se em História pela Universidade de Coimbra e é doutorado na área pela Universidade de Évora, o que lhe permitiu adquirir “um certo número de competências que podia pôr ao serviço de um interesse específico, que neste caso era a investigação histórica” sobre a região.

Para o historiador, o contacto com a história perspetiva-se por duas direções. Desde logo por uma dimensão de curiosidade, de “saber o passado e conhecer mais profundamente este território” onde nasceu e foi criado. Por outro lado, gosta de pensar que a sua relação com a história “tem a ver com uma certa atitude cívica, de criar conhecimento que possa ser utilizado e possa ser de alguma forma assumido por as pessoas que aqui vivem”.

Depois de concluir a licenciatura em Coimbra, assumiu a vida profissional enquanto professor em várias escolas na região, mas sempre com o “desejo de voltar” à terra. “Esta paisagem é que estruturou o meu eu”, declara, “eu queria voltar para cá e, a certa altura, voltei”. Regressou a Odemira e continuou a lecionar por cá, dedicando-se à investigação histórica “nos tempos livres”.

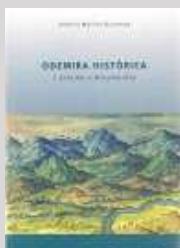
Foi depois da aposentação que se dedicou “a tempo inteiro” à pesquisa. Além de investigador e professor, também desempenhou cargos políticos, numa experiência que descreve como “fugaz”.

Com estreita ligação à investigação, o seu percurso fez-se também como membro colaborador do CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, da Universidade de Évora, e na colaboração com programas culturais como o “Festival Terras Sem Sombra”, “O Museu Somos Todos”, visitas e passeios no território.

Como um contador da história (e de histórias) e profundo conhecedor da região, afirma que “a história é o único processo que permite entender este território”, estando disponível para aprofundar o conhecimento de todos sobre a sua terra, o concelho e a região.

Recentemente, essa disponibilidade permitiu que integrasse a equipa que elaborou o Plano Municipal de Cultura Odemira 2030.”

IN: Revista Municipal “Odemira em Notícia”, Out. Nov. Dez 2023. P. 26.



LUÍS VAZ DE CAMÕES

500 anos do Nascimento

O homem por detrás do mito, a intrigante vida do maior poeta português.

Em 2024, faz precisamente 500 anos do nascimento de Luís de Camões, o nosso maior poeta, em cada 10 de Junho, data do seu falecimento, comemora-se o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Portugal deve ser um dos poucos países do mundo, que, ao contrário da maioria dos países, tem o seu Dia Nacional baseado num Poeta, num Homem da literatura, e não num feito bélico, numa batalha, numa conquista, ou derramamento de sangue, como celebram outros povos.

Isabel Rio Novo, na sua Biografia de Camões, afirma: *Camões é tão rico e inesgotável que tem conseguido ajustar-se a todas as épocas e prestar-se a formas diferentes e até opostas de instrumentalização. E depois, há nele aspetos que tocam muito na dita alma portuguesa, ou pelo menos nos temas que acalentamos na literatura e nas artes. O amor. A viagem. O desterro. A saudade. O oceano...*

Camões é tão genial que resiste a tudo, até às más citações, até às banalidades, até aos aproveitamentos que fazem dele, até às visões redutoras. Sai sempre por cima. E isso tem a ver com uma espécie de genuinidade a que é difícil alguém ficar indiferente. Há qualquer coisa de fatal e de fascinante no homem de letras e de armas honrado, que não se verga diante dos caprichos da fortuna nem das desfeitas dos seus contemporâneos. O homem que não descrê do seu talento mesmo quando quase toda a gente parece ignorá-lo e mesmo que isso lhe provoque uma amargura indisfarçada.

Luís Vaz de Camões, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, terá nascido por volta de 1524/1525, não se sabe exatamente onde, e morreu a 10 de junho de 1580; esteve preso duas vezes, perdeu o olho direito no Norte de África, embarcou para a Índia por castigo, viveu pobre e morreu na miséria; este homem, de barba ruiva, que tinha os nervos à flor da pele e era viciado no jogo, escreveu a mais extraordinária obra da língua portuguesa: “Os Lusíadas”.

Ainda, segundo, Isabel Rio Novo, o poeta viveu sempre de mãos dadas com a má fortuna, tendo vivido em desassossego, era instável, brigava com a maior facilidade, ardia sentimentalmente em várias chamas, muitas vezes por culpa própria, vivia em constante tribulação e foi detido pelo menos duas vezes.

As grandes mudanças na sua vida deveram-se a castigos, tal como em 1552, quando, após a procissão do Corpo de Deus se envolveu numa contenda, na qual terá puxado da espada e ferido um guarda do Palácio Real. Foi detido na cadeia municipal do Tronco, em Lisboa.

Ali permaneceu nove meses até ter merecido perdão real. Há quem defenda que a agressão ocorreu porque o poeta se apaixonou por uma dama de condição muito superior, ou seja, um amor proibido.

Sabe-se também que embarcou para a Índia em 1553, que regressou à pátria em 1570, que editou “Os Lusíadas” a 12/03/1572, que morreu provavelmente vítima de peste, por volta de 1580 e que a mãe assistiu ao seu funeral e passou a usufruir da pensão anual de quinze mil reais que o Rei Dom Sebastião lhe tinha atribuído aquando da publicação da primeira epopeia portuguesa.



MOEDA COMEMORATIVA DOS 500 ANOS DO NASCIMENTO DE LUÍS DE CAMÕES

Como se fosse Cego, Surdo e Mudo.



Uma nova moeda de cinco euros foi lançada em comemoração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, o maior poeta de Portugal. A imagem de Camões na moeda tem gerado polémica devido à sua estilização, que dificulta a identificação do autor de “Os Lusíadas”.

De facto, estamos perante um Camões sem orelhas, nariz e boca, como se fosse cego, surdo e mudo.

Para quem, na sabedoria popular é retratado como cego de um olho, mas via bem dos dois, aparece agora, quando não o conseguiram calar nem censurar em vida, calado e amordaçado.

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

Cont. N.º
901 697 621
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.º
ARMAZENISTA — DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE



Bispo D. António Paes Godinho Natural de Santa Luzia

Livro: *Parecer e Ser: Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Nanquim.*

De: José António Falcão

José António Falcão é Historiador de arte, museólogo e professor universitário. Licenciado em História da Arte e em Arquitectura, Mestre em Museologia e Doutor em Teoria e História da Arquitectura.

É Especialista no âmbito da arte e da arquitetura religiosas; tem consagrado a sua atividade ao estudo e salvaguarda dos bens culturais do Alentejo, granjeando prémios portugueses e europeus.

Dirigiu o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja desde a fundação (1984) à extinção (2017) deste serviço; distinguido pela UNESCO como “exemplo do resgate cultural de um território”, foi responsável pela criação, em 2006, da Rede Museológica daquela diocese, formada por oito museus.

Como docente, prestou serviço na Universidade Católica Portuguesa, na Universidade de Valência (Espanha) e na Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil). Actualmente é professor da Universidade do Michigan (Estados Unidos da América). Membro da Academia Nacional de Belas Artes, da Academia Portuguesa da História e de agremiações similares europeias e americanas.

Tem publicado cerca de uma centena de títulos, entre livros, artigos científicos e palestras em congressos, a maioria dos quais dedicados à história da arte e da arquitectura.

Foi apresentado, dia 4, pelas 16:00 horas, na Biblioteca Municipal de Ourique, a mais recente obra do historiador José António Falcão, intitulada *Parecer e Ser: Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Nanquim. Natural de Santa Luzia, (então uma das duas paróquias do Concelho de Garvão), onde foi baptizado a 16 de Abril de 1688, filho de Estevão Guizadou, ou Estevão Guizado Godinho e de Isabel Velho.*¹

Nomeado em 1716 para bispo da Diocese de Nanquim (capital da província de Jiangsu, no leste litoral da China), António Paes Godinho nunca exerceu o cargo, por causa do difícil relacionamento entre a China e a Santa Sé, com Portugal e França de permeio, na sequência da Querela do Ritos.

Em 1720, renunciou ao bispado e tornou ao Alentejo onde se fez provisor da Arquidiocese de Lisboa Oriental, integrando o Conselho do Rei. Em 1730 sagrou a basílica de Mafra. Livre, a seu pedido, de tarefas da corte, regressou ao Alentejo e na quinta de Olhos Bolidos, em Santiago do Cacém, estabeleceu um jardim, recheado de espécies exóticas e com uma casa de fresco, a «chinesa».

Acabou por fazer vir o Oriente às terras de Cacém onde acolheu seminaristas chineses e fomentou a introdução da «laranja-da-china».

Filho de lavradores, nascido em 1668 em Santa Luzia, Paes Godinho era licenciado e mestre pela Universidade de Évora, tendo continuado os estudos, já presbítero, na de Coimbra. Voltou à Arquidiocese de Évora como cura em Alvíto e, depois, como confessor e vigário do mosteiro de Jesus, em Viana do Alentejo.

Passou os últimos anos nas suas «casas nobres» de Viana, a localidade, de todas aquelas em que viveu, que mais estimou e onde viria a morrer em 1752, com fama de santidade, não sem ter tido de enfrentar a sanha persecutória da Inquisição, devido ao seu perfil espiritual e humanista, pouco afim das práticas do alto clero na época.

Em causa, estava o facto de ser «membro destacado de um movimento espiritual radical, profundamente reformador, a Jacobeia, que assumiu as rédeas do poder no tempo de D. João V e foi depois objecto de perseguição por parte do Marquês de Pombal», como refere o autor do livro *Parecer e Ser: Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Nanquim* (ed. Associação Orik), o historiador José António Falcão.

Bispo de uma terra sempre distante, perseguido pela Inquisição

Tendo recebido a sagração, em 1718, foi destinado por Clemente XII, após um tempo de preparação, a seguir com o cardeal Mezzabarba, que largou de Lisboa, em 1720, em direcção a Macau, para reorganizar a missão no Império do Meio. Apesar de esta ordem vir do próprio papa, D. António não pôde deixar Portugal, devido às sucessivas divergências, providas da querela dos Ritos Sínicos, em relação à presença cristã em solo chinês.

Perto do final da vida e a braços com problemas de saúde, D. António teve que responder a uma dificuldade séria, para cuja origem contribuíra, e que envolveu um dilecto parente, hóspede em sua casa, Fr. José de Beringel, orador famoso. Instado por ele a pregar a missão em Viana, numa quadra nada propícia – a das festas de Nossa Senhora de Aires –, o frade defrontou elementos da sociedade local, mormente clérigos e, até, parte da comunidade do mosteiro de Jesus. Isto valeu-lhe a denúncia ao Santo Ofício de Évora, por defender teses supostamente heréticas, as quais vemos alinhadas com o ideário reformador jacobeu.

In: António Paes Godinho, um bispo heterodoxo no Portugal joanino | Sete Margens.

¹ Falcão, José António. *Parecer e Ser, Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Nanquim.* 2024. P. 26.



Coleção de LUÍS da PARREIRA

Contribuições para o Museu de Garvão

Colecionador inveterado, Luís Manuel Guerreiro, de seu nome de baptizo, tem colecionado objectos de relevância e importância, desde peças arqueológicas, livros, utensílios etnológicos, fósseis, pedras minerais e curiosidades em geral.

Luís da Parreira tem guardado ao longo dos anos, um largo acervo de peças museológicas que somente o facto de não termos um museu em Garvão, impede, uma parte delas, de estarem expostas ao público.

Possui uma das maiores coleções privadas da vila de Garvão, não se contentando em ser somente curioso, empreendedor, colecionador e restaurador, dedica-se igualmente a áreas tão dispares como a arqueologia, espeleologia e modelismo, entre outros vários atributos que possui, fazendo, inclusivamente os respectivos movéis, vitrinas e estantes onde as peças estão expostas na sua habitação em Garvão.

Encontramos nesta coleção, machados de pedra, raspadores e uma enorme quantidade de cerâmicas e vidros de várias épocas, encontrados maioritariamente na zona de Garvão; rochas desta zona, e outras que vieram desde Petra, na Jordânia ao Egipto; minérios e fósseis de vários lugares: conchas, cúzios, carapaças e dentes de tubarão de várias regiões, de todos os tamanhos e feitios; pesos de redes de pesca e pesos de tear.

No Modelismo, construiu Veleiros, Juncos Chineses, Navios de Guerra com mais de dois metros, Caravelas, Naus, Carros de Combate, Charretes, Churriões, Carros de Parelha e de um só animal.

O valor do colecionador privado como guardião de peças museológicas que de outra maneira se teriam perdido, com enorme perda para o nosso património histórico e cultural.

Segundo as suas próprias palavras, a maior parte desta coleção, recolhida ao longo de 50 anos, em as condições o permitindo, será disponibilizada ao futuro museu de Garvão e ficará disponível e visitável ao público em geral.

O contributo do colecionismo privado é de grande atualidade no contexto actual e a cooperação de coleções privadas, na formação de Museus locais, tem nos últimos anos sofrido um forte incremento de Norte a Sul do País, reconhecendo-se, assim, o contributo dos colecionadores na constituição e no reforço de Museus dedicados a vários temas e valorizando-se igualmente o seu esforço, relativamente à formação de coleções abertas ao público, assim como se reconhece ainda o seu valor como protector e guardião de peças museológicas que de outra maneira se teriam perdido, com enorme perda para o nosso património histórico e cultural.



MARIA D'ASSUNÇÃO AMARO - LILA -

Maria d'Assunção, filha mais velha de Assunção Bernarda Serra e Joaquim Amaro, nasceu na Rua de Ourique, em Garvão, a 7 de Março do conturbado ano de 1915. Portugal vivia a primeira experiência de governação democrática, com a Primeira República mergulhada no confronto severo de correntes políticas opostas, incapaz de aliviar a dívida económica, a profunda desigualdade social e o baixo nível cultural da população, apesar das reformas estruturais, das novas leis para a família e para a educação, da criação das Universidades de Lisboa e do Porto e da separação da Igreja e do Estado. A Europa destruíra-se com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), dividindo as forças políticas portuguesas relativamente ao papel de Portugal no sangrento conflito, acabando o país por participar com cinquenta e cinco mil homens enviados para França, ao mesmo tempo que foram enviadas forças para Angola e Moçambique, em defesa das fronteiras ultramarinas com as colónias alemãs. Garvão vivia à distância e quase indiferente às convulsões de Portugal e do mundo, não fossem os momentos em que se confrontou com os despojos humanos, vivos e mortos, devolvidos à terra pela Grande Guerra; a trágica gripe pneumónica que aqui chegou, trazendo a morte a muitas pessoas, entre as quais o pai e o único irmão de Maria d'Assunção; e também a circunstância de José Júlio da Costa ter partido daqui para assassinar o Presidente Sidónio Pais, fragilizando ainda mais a Primeira República, que acabou por sucumbir à ditadura militar de 1926 e, mais tarde, a Salazar, que nos sujeitou à autoridade e à ordem de um homem só, mantendo Portugal nas trevas por 48 anos. Esta longa introdução parece despropositada, mas não é. Como tema político, seria alvo de conversa se Maria d'Assunção, Lila para todos nós, fosse adulta nessa altura e nos encontrássemos na sua sala, onde o estado da arte e da nação foram sempre escrutinados à luz de um subtil sentido de humor, que desconstruía toda a manha social e política das gentes, envolvendo-nos num exercício de compreensão e opinião. E também porque sinto a Lila a dizer-me ao ouvido: «fala do que importa, aproveita a ocasião», numa tentativa de fugir às luzes da ribalta, que não apreciava de todo. O seu lugar foi sempre o da acção no terreno, directamente com as pessoas, umas e outras, movimentando reis e bispos (Bispo de Beja incluído) em defesa dos seus peões, como denuncia o chão da sua sala, feito de mosaicos brancos e pretos, lembrando um tabuleiro de xadrez (obrigada, Álvaro Sabino, por tão pertinente metáfora). A sala da sua casa foi ponto de encontro obrigatório. Ali chegavam os familiares, os amigos, os conhecidos e os desconhecidos, com notícias próximas e distantes, com necessidades próximas e distantes ... com o que fosse. Quem chegava, encontrava um chá aconchegante, uma tertúlia bem-disposta, uma ajuda na obtenção dos direitos básicos, no caso das pensões dos mais velhos, ou simplesmente uma palavra amiga, acompanhada de uma graça, sempre sob o olhar tranquilo e discreto do seu marido, José Francisco Cunha, com quem casou em 1935 e de quem tem duas filhas. Falta-me



dizer, neste longo parágrafo inicial, que Lila exerceu sempre o seu direito de voto. Pareceu-me importante dizê-lo.

Justa coincidência Lila ter nascido no ano em que veio a público a revista literária *Orpheu*, com nomes relevantes como Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e José de Almada Negreiros, cujo impacto foi de tal maneira revolucionário no

mundo das artes, das letras e não só, que tem sido sempre lembrada, apesar de apenas terem sido publicados dois números. Do mesmo modo, é a Lila inesquecível pela sua arte de contar histórias (uma das suas coisas preferidas). Lila sabia que através do seu «contar» nos dariamos conta das diferentes possibilidades de nós próprios, das pessoas e do mundo. Existirá outra forma de amor? As histórias roubavam a prioridade à costura, ao croché ou à leitura

que tivesse em mãos. Nessas alturas, os óculos eram esquecidos no desalinho do cabelo branco e os olhos vivos fitavam-nos directamente. O arquear das sobrancelhas, que se moviam ao ritmo do humor, ora implícito ora explícito das suas palavras; o sorriso complacente e a gargalhada contagiante esclareciam a moral de cada uma das histórias. As suas histórias tinham sempre um rosto, porque lhe interessavam as pessoas, e sentido de oportunidade, porque nelas havia sempre um propósito.

Fernanda Filipe refere, na carta de Natal que ofereceu à Lila no Dezembro anterior à sua morte, a forma como os seus olhos inteligentes perscrutavam os nossos, tentando adivinhar o que nos ia no coração, para nos consolar, para nos dar coragem e estímulo ou até para nos sugerir outro caminho. Agradece também os seus bolos e o inigualável doce de tomate. Eu acrescento-lhe a fatia de pão com queijinho curado e água-mel. Estas memórias não pertencem apenas às pessoas que visitavam a sua casa. As pessoas das instituições e as personalidades com quem a Lila se articulou para facultar os estudos aos jovens com dificuldades familiares e sociais lembrar-se-ão, certamente, dos seus doces e bolos (por exemplo, os Serviços Sociais, a Casa Pia, a Fundação Manuel Gerardo de Sousa e Castro e a Casa do Estudante, em Beja; o Colégio de N.ª S.ª da Graça, em Vila Nova de Milfontes; as Doroteias, em Lisboa e o Colégio São José, na Quinta do Ramalhão). Mas, sobretudo, os jovens a quem a Lila deu a mão, ajudando com uma palavra de conforto, com um conselho amigo, com o acesso à formação pessoal e profissional, com uma encomenda contendo um lanche sempre que encontrasse portador para Beja ou Vila Nova de Milfontes, ou com a partilha da sua casa no período das férias escolares, guardarão na memória mais terna o afecto inconfundível desta mulher inteligente, sensível, generosa e de uma actualidade surpreendente.

Com o elogio à vida, Lila adiou a morte o mais possível. Deus fez o que pôde, tenho a certeza. Partiu a 2 de Abril de 2008, aos 93 anos, depois de ter pedido um beijo às filhas.

Fernanda Cunha
Julho 2024



OS EXPOSTOS

Nos Assentos de Baptizo em Garvão - A Roda dos Expostos -

Um dos flagelos da idade Média era a mortalidade infantil e o abandono de crianças. Ou por pobreza (sem condições para sustentar mais uma criança), ou por vergonha (caso das mães solteiras, de vários estratos sociais). Só na cidade do Porto no século XVIII, foram abandonadas mais de sessenta mil crianças¹.

Para colmatar esta situação, as Misericórdias, nos vários lugares do reino, acolhiam estas crianças, instituindo a roda, aparelho cilíndrico oco com uma abertura onde se depositava as crianças, na parede da instituição que dava para a rua, tipo janela, onde na calada da noite e no anonimato do escuro se entregavam as crianças e tocavam o sino a alertar o depósito de uma criança na roda; este mecanismo era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia.

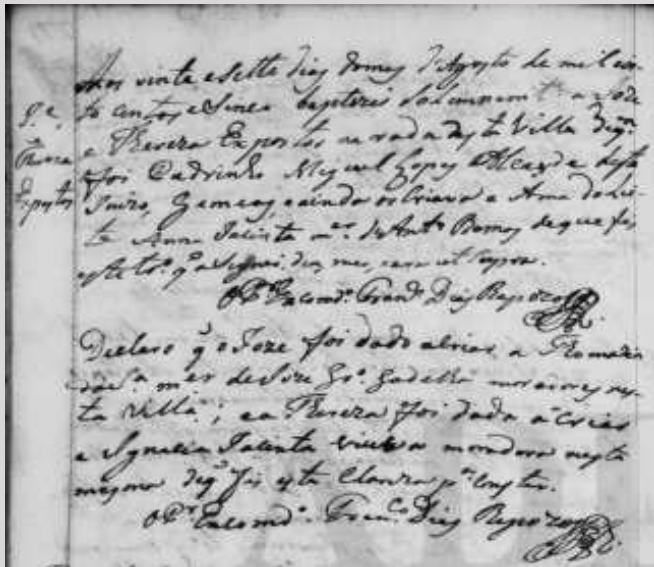
Foi instituído igualmente o ofício de rodeira que ao badalar do sino, rodava a roda para o interior da instituição e recolhia as crianças e as amamentadeiras que amamentavam os recém-nascidos, (geralmente alguém que estivesse a amamentar algum filho), pagas para o efeito.

Em Garvão, consta, em vários assentos de baptizo, por volta de 1800, de crianças entregues na roda dos expostos, como exemplo, entre os anos de 1828 e 1877, constam nos registos de nascimento 167 expostos dados para criar a diversas pessoas da vila.

Consta, na área do extinto concelho de Garvão, tanto um terreno denominado Cerca da Enjeitada e nomeação de pessoas como António Enjeitado e descendentes.

Nuns registos constam simplesmente a indicação de expostos, com a descrição do local onde foi encontrado e a quem foi dado a criar, a data do batizo e os padrinhos. Noutros registos, constam igualmente quem encontrou e por vezes indicam que vinham acompanhados de uma nota escrita, como o caso de Carolina, batizada a 15/9/1829, a informar que já tinha sido batizada, ou de Cristiana, batizada em 22/1/1873, encontrada na herdade da Fonte Franca, acompanhada por um bilhete a informar o nome que lhe foi posto.

Esta junção de bilhetes com a indicação de nome já posto, ou de outro sinal, era uma



Assento de Baptizo de José e Teresa, gêmeos, entregues na Roda dos Exposto de Garvão, no dia 27 de Agosto de 1805.

Foi padrinho Miguel Lopes, Alcayde deste Juízo, e criava a ama de leite, Anna Jacinta mulher de António Ramos.

O José foi dado a criar a Thomázia da Silva, mulher de José Guerreiro Gadelha, moradores nesta villa; e a Teresa foi dada a criar a Ignácia Jacinta, viúva, moradora nesta mesma.



**A Roda dos Expostos de Almeida.
Cortesia: Câmara Municipal de Almeida**

indicação para a identificação de certas crianças entregues na roda e, como em alguns casos, para o reconhecimento de alguns filhos por mães arrependidas.

Noutros lugares onde faltava a roda, estas crianças eram deixadas em lugares escolhidos e na certeza de serem encontrados; na maioria dos casos, existe uma proximidade entre os sítios do encontro da criança e o local da residência de mães em amamentação de algum filho ou, até mesmo, junto da habitação de alguns membros dos órgãos gerentes da Misericórdia.

A entrega de uma criança na Misericórdia não era garantia de sobrevivência; de facto a mortalidade das crianças aos cuidados desta instituição, correspondia drasticamente a níveis de mortalidade muito altos.

Segundo o livro de Marta Páscoa *Os expostos em Castro Verde entre 1887 e 1899*, a mortalidade nunca

foi inferior a cerca de metade dos expostos; o ano em que morreram mais expostos foi o de 1894 em que das onze crianças entregues na Misericórdia morreram dez crianças, e o de 1896 em que das 14 morreram 13, o resto dos anos no estudo de Marta Páscoa apresenta uma mortandade entre os 57,1% e os 85,7%. Ou seja nos treze anos estudados e dos 144 expostos morreram 110. Era, sem dúvida, uma mortalidade superior à das crianças não abandonadas².

¹ Isabel dos Guimarães Sá, *Expostos, história das populações e informática*. In II Encontro sobre História e Informática. S.l.: Universidade do Minho, 1989.

² Isabel dos Guimarães Sá, *A circulação de Crianças na Europa Meridional do século XVII: O Exemplo da Casa da Roda do Porto*. Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, Barcelona, 1992.

BRASÃO EM PANO EMOLDURADO

Nas Instalações da Junta de Freguesia de Garvão



Cópia do Brasão, bordado em tecido, emoldurado e protegido por vitrina que existe nas instalações da junta de Freguesia de Garvão, (Foto de 2009).

A antiguidade deste bordado é difícil de determinar, sendo contudo superior a um século. Ao apresentar o vocábulo *Villa*, com a consoante “L” repetida, é anterior à reforma ortográfica de 1911 (já propostas nas *Bases da Ortografia Portuguesa*, de 1885), que reduziu as consoantes dobradas a singelas, (com exceção de *rr* e *ss* e alguns casos pontuais).

Trata-se de um bordado, em razoável bom estado de conservação, com as dimensões aproximadas de 60 a 80 cm de altura por 40 a 50 cm de largura, onde sobressai a cor vermelha e dourada, bordados sobre o fundo de pano branco. O escudo apresenta-se em prateado, sobre o qual sobressaem duas cruces de Santiago laterais superiores e o sobreiro, ao centro, com o tronco preto e a copa dourada. A ladear este bordado apresenta-se um cordão dourado com duas borlas que o atravessam numa posição pendente desde os cantos superiores direito e esquerdo. Apresenta, igualmente na parte superior e inferior do bordado uma lista cadilhada ou esfiada, dourada a toda a largura do bordado.

Ainda sobre o BUSTO de AGRIPINA (Encontrado na herdade dos Franciscos- Arzil)

Nova Informação na Revista *Cira Arqueologia*
No seguimento do artigo do Jornal de Garvão nº 28



**O Capitel corintizante
em território nacional**

Se observarmos a dispersão do capitel corintizante em território nacional verificamos uma concentração na zona centro e Sul do país.

Em Beja conhecem-se sete exemplares, decorados todos eles com o motivo liriforme e apontando para cronologias que se situam entre o século II e o século IV.

Um destes exemplares provém do Castro da Cola, depositado na Igreja de S. Sebastião, em Beja.

Também se encontra no Museu Regional de Beja outra peça extremamente curiosa, trata-se possivelmente de um busto encontrado em Garvão.

Esta peça apresenta um motivo liriforme do tipo “duplo S”, leva-nos a aproximá-lo dos capitéis corintizantes que temos vindo a analisar.

Este motivo liriforme é composto por duas hastas vegetalistas que se elevam verticalmente da base e que se enrolam na parte superior enquadrando duas rosetas.

Estas parecem ter sete pétalas, de terminação circular e com botão central liso relevado.

Outra haste enrola-se para o exterior, talvez acompanhando o alongamento do canto do ábaco, caso se tratasse originalmente de um capitel.

O busto é datado por Vasco de Souza, da época de Cláudio, apontando semelhanças estilísticas com um busto de Agripina Menor proveniente de Milreu.

Datamos este exemplar corintizante do século II ou de finais do século I, ainda que não consigamos precisar mais esta datação dado o desgaste da superfície e a inerente dificuldade em analisar os pormenores decorativos.



A Desilusão do Regresso à Terra

E o Largo da Palmeira que já não é o mesmo do tempo da nossa infância...

O regresso à terra é visto como o retorno às origens, à infância, ao contacto saudável com a natureza, à regeneração, enquanto a cidade é vista como uma época de sofrimento, de trabalho e associada a uma fonte de decadência, de corrupção e factor de degenerescência social e moral.

Há como que uma nostalgia da terra de origem, na maioria dos trabalhadores que se deslocaram para os grandes centros urbanos á procura de oportunidades de emprego.

Não se trata de sentimentos tradicionalistas ou mesmo conservadores, trata-se simplesmente de saudosismo e, na maioria dos casos, nesta grande diáspora alentejana, de um regresso, para passar os anos da reforma na terra onde se nasceu.

Os motivos que sustentam este tipo de regresso são múltiplos: sentimento de pertença, família, estilo de vida e, também, económicos.

Se, a uns o desejo do regresso não passa de uma esperança frustrada, para alguns que decidiram concretizar a vontade que sentiam desde sempre de “ir embora”, passaram por experiências de regresso falhadas.

São múltiplas as causas desse desmoronar da esperança erguida pelo retorno à terra de origem, desencantos e frustrações que advêm de um quadro de interação imprevisível.

De um sentimento de contentamento inicial, transitou posteriormente para uma maior consternação, enquadrando-se numa fase de desencanto.

Esse desencantamento e até mesmo depressão, vai-se notando à medida que se somam experiências negativas e se apercebem que as suas expectativas sobre o regresso ou sobre a reforma, podem não ser as esperadas: devido a escassos recursos económicos ou ao nível da saúde, mas também porque já não encontram na terra o que deixaram há 40 ou 50 anos.

Esse sentimento de diferença e de vazio acentua-se quando não se encontra a terra que deixaram e os amigos que esperavam e, este regresso, não só não corresponde aos anseios esperadas, como se transformam em sentimentos ambíguos, de desilusão e de expectativas goradas

E assim qualquer alteração visual á memória os incomoda, simplesmente, “porque não era assim há 50 anos”.

Até o velho largo, com a sua velha palmeira, que lhes marcou a infância, os tempos de escola, a casa dos seus pais e avós, desapareceu e para a qual direccionam o seu descontentamento no que simbolizava uma boa parte das suas recordações, de um período saudosista da sua vida que fantasiavam como ideal.



**Largo da Palmeira
- 1933/1934 -
Da esquerda para a direita
José Amélia, José Cunha,
Manuel Loução, António Cunha**

FALECEU

Eng.º José António Sequeira Brito Ramos Em 1/10/2023. Natural de Garvão.

Nota de Pesar do Conselho Directivo do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.

É com profundo pesar que o Conselho Directivo do INIAV, bem como os seus colaboradores, receberam a triste notícia do falecimento do investigador do INIAV aposentado, José António Sequeira Brito Ramos.

Integrou os quadros da nossa Instituição, em 1972, como investigador do Departamento de Pedologia e depois do Departamento de Estatística Experimental e Economia Agrária, tornando-se uma referência na estatística experimental no âmbito do regadio. Foi com grande dedicação, e sacrificio pessoal, que assegurou no início dos anos oitenta, a gestão do Posto Experimental dos Lamaçais, na Cova da Beira.

Assumiu um profundo compromisso com a função pública, tendo desempenhado vários cargos de grande relevo, destacando-se o de Subdiretor-geral da Direção Geral de Hidráulica e Engenharia Agrícola (1989-1993), Vogal da Comissão Instaladora da Empresa do Alqueva (1994-1995) e Vogal do Conselho de Administração da EDIA (1996-2001).



Investigador com uma visão e ação orientadas para o desenvolvimento da agricultura, dos territórios rurais e das suas gentes, foi coordenador de um ciclo de seminários dedicados à sustentabilidade da agricultura e à agricultura familiar, na década de 2000.

Já depois de aposentado, em 2009, continuou a promover a ligação da investigação realizada na sua Instituição, com a atividade agrícola. Promoveu a investigação aplicada e a procura efetiva de soluções para o combate ao declínio do montado de azinho, sempre presente nas ações de divulgação na região da sua terra natal, de Garvão, e estava fortemente envolvido na reflexão e organização do seminário sobre a água nos sistemas extensivos.

Ao investigador Brito Ramos, com um percurso marcante na investigação, exercício de funções de dirigente de alto nível, e de grande dedicação ao desenvolvimento efetivo da agricultura e dos territórios rurais mais desfavorecidos, a nossa profunda gratidão.

O Conselho Directivo



A MAMOIA da Estação de Garvão (E outros achados na Herdade do Arzil)

IN: *CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO
DA ARQUEOLOGIA MEGALÍTICA NO BAIXO
ALENTEJO*

Por: Abel Viana, Georges Zbyszewski, Ruy Freire de Andrade, António Serralheiro, Octávio da Veiga Ferreira. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959, vol. 1, pp. 197-213.

16. Monumento n.º 1 de Garvão — Está situada na Herdade do Arzil contígua à freguesia. Entre um barranco e a via férrea (Linha do Sul), ergue-se um pequeno outeiro alongado, de vertentes bastante íngremes, sobre o qual se estende um plaino de superfície irregular, em grande extensão limitado por urna alta trincheira artificial, denunciando a presença de um muito apagado castro. Na extremidade do plaino, do lado da povoação, acha-se uma bem conservada mamoa, ainda não devassada, pelo que é de supor ainda contenha o monumento megalítico.



17. Monumento n.º 2 de Garvão — Fica a pouco mais de 100 metros da mamoa precedente e dela não restam mais que alguns esteios tombados. Parece que foi objecto, apenas, da extracção de pedras, de modo que a exploração arqueológica, com vista à recuperação do mobiliário, é de aconselhar. Foi somente reconhecida e, assim como a anterior e a que está a seguir, fora identificada, em 18 de Novembro de 1956, por A. Viana e Fernando Nunes Ribeiro.



18. Monumento n.º 3 de Garvão — A poucas dezenas de metros da anterior, no mesmo alinhamento e ainda mais desmantelada que a anterior. Apenas reconhecida.

Relativamente perto destes monumentos, procedeu-se, em 1996, a uma intervenção arqueológica, na estrada que dá acesso ao monte do Arzil, a qual pôs a descoberto uma necrópole de cistas e foram identificadas cinco estruturas tumulares, datadas da Idade do Bronze-Final.



ANTAS ou DÓLMENS

Os dólmenes ou antas inserem-se num vasto grupo de monumentos designados de megalíticos, construídos com pedras ou lajes, geralmente de grandes dimensões, não trabalhados ou pouco afeixoados, e fincados no solo.

Os dólmenes consistem, (embora existam inúmeras variantes), em câmaras fechadas ou de acesso limitado (com uma pequena abertura), com ou sem corredor de acesso à câmara.

A câmara é ladeada por lajes verticais (ortostatos) e coberta por uma outra laje designada por tampa, mesa, ou chapéu, normalmente de grandes dimensões.

O corredor, (quando existe) é igualmente formado por lajes verticais e coberto com tampas mais pequenas.

Geralmente, estas construções estão cobertas por um montículo artificial feito com terra ou pedras, ou com terra e pedras, designado por mamoa ou tumulus, de forma circular ou subcircular, as mamoas tinham uma importância fundamental, uma vez que serviam para proteger e suportar o dólmen.

Drogaria Carapinha

De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha

REDES - TINTAS - RAÇÕES

CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC

Tel. 286 555 441

Tlm. 936 337 373

Rua Nova, 28 - GARVÃO



MÁRIO
VELHARIAS - ANTIGUIDADES

938 241 910

GARVÃO - E.N. 123



FILME *CIDADE RABAT*

De: Susana Nobre

Foi apresentado no dia 18 de Maio o filme *Cidade Rabat*, em Ourique e prevê-se a sua apresentação em Garvão onde parte do filme foi rodado.

O filme “*Cidade Rabat*”, de Susana Nobre, natural de Garvão, venceu o Grande Prémio do Festival Caminhos do Cinema Português, em Coimbra.

Este festival, que anualmente traça uma panorâmica do cinema português, terminou hoje com a atribuição de mais de vinte prémios, reconhecendo várias áreas da produção cinematográfica.

O Grande Prémio do júri foi atribuído a “*Cidade Rabat*”, descrito como “uma comédia melancólica sobre o luto”, na qual a personagem Helena tenta manter o rumo da sua vida, a relação com a filha adolescente e as rotinas do trabalho, depois da morte da mãe.

Esta longa-metragem, estreada no festival de cinema de Berlim, valeu ainda a Susana Nobre o prémio de melhor argumento original.

“*Cidade Rabat*”, é um cinema de ficção, um filme de argumento, diz-nos Susana. Sim, mas é ao seguirmos o filme que percebemos as nuances. Logo a começar pela presença da atriz Raquel de Castro, numa inesperada estreia no cinema, em que é difícil de não a encarar como um espelho provocatório de Nobre.

Mais: a realizadora e produtora, aparentemente, negocia “certos aspectos biográficos”, mesmo aqueles tocados pela perda, e mesmo quando os produz, observa e dirige atrás da câmara. É a isso que chamamos representação da realidade,

mesmo que seja para ver coisas diferentes. Pois a ideia de perspectiva não deixa de ser diferente, pelas possibilidades e liberdade que possibilita. E porque se trata de uma ficção, certo?

Talvez esteja mesmo aí a força deste filme, que parece esconder muito mais do que aquilo que aparenta revelar. Ou, então, pelo jogo do próprio cinema. Sempre tão rigoroso, quase milimetricamente. Independentemente de parecer (e ter sido mesmo) feito com amigos, colegas, um cinema participativo, comunitário mesmo. E a pensar na proximidade com as pessoas. Talvez seja mesmo isso o mais importante.



IN: “*Cidade Rabat*”, de Susana Nobre, vence Grande Prémio do Festival Caminhos do Cinema Português (comunidadeculturaearte.com)

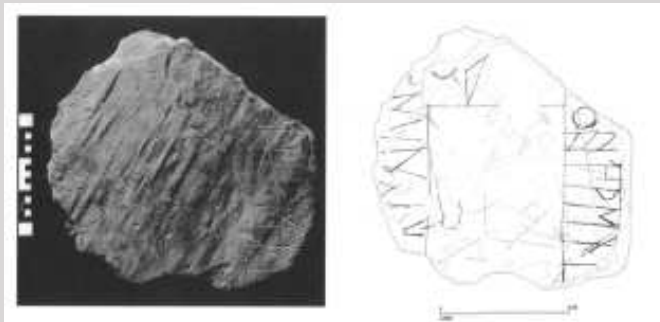
“Estela de Sabóia”

Cedida temporariamente ao Museu da Escrita do Sudoeste em Almodôvar

Por protocolo celebrado entre o editor deste Jornal, actual detentor desta estela, da I Idade do Ferro com Escrita do Sudoeste e o Museu da Escrita do Sudoeste em Almodôvar, a mesma foi cedida temporariamente, a este Museu, para ser devidamente exposta ao publico.

Esta estela recolhida, em 2003, perto da povoação de Viradouro, em local denominado Cerro dos Mouros, onde parece existir uma necrópole, talvez contemporânea deste monólito. A estela aqui estudada, encontrava-se em Garvão.

Segundo Mário Varela Gomes:¹ *A morfologia do suporte, das letras e a disposição destas indicam que o monólito em apreço corresponde a esteia funerária, da I Idade do Ferro, com abundantes paralelos no Baixo Alentejo e no Algarve e, mais raros, na Estremadura Castelhana ou na Andaluzia Ocidental.*



Fragmento de Estela Epigrafada da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, Procedente de Saboia - Odemira

De facto, a disposição do texto em forma de pórtico é uma das mais recorrentes daqueles monumentos, podendo mesmo registar simbologia de carácter escatológico, ligada, portanto, à morte. Através do conceito grego de mundus, que aquela forma representaria, aludindo à passagem da alma para dimensão transcendente.

A transcrição dos sectores conservados da epígrafe é a apresentada a seguir, a partir dos valores fonéticos dos alfabetos gregos arcaicos e minorasiéticos, dos séculos VIII a VI a.C.²

¹ Doutor Mário Varela Gomes, Docente do Departamento de História da F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa. Membro da Academia Portuguesa de História e da Academia Nacional das Belas-Artes.

² Estudo de Mário Varela Gomes, publicado na Revista Arqueologia & História, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, volume número 60-61, 2008-2009, por, pág. 143 e seguintes.



MUSEU da ESCRITA do SUDOESTE em ALMODÔVAR

Depois das obras de ampliação e modernização de que foi alvo, o espaço voltou a abrir portas ao público, no dia 16 de junho de 2024.

No dia anterior, procedeu-se à inauguração oficial das obras de reabilitação e ampliação desta infraestrutura e também da nova museografia que ficará exposta. As obras dotaram o edifício do MESA de mais espaço, mais áreas de exposição e pedagógicas, permitindo “mais aprendizagem” e uma maior “partilha” do espólio do museu.

O Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (MESA), criado em 2007, capitaliza um dos maiores ícones da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular – as estelas com Escrita do Sudoeste.

Um núcleo museológico que reflecte a preocupação com uma identidade local reconhecida pela Autarquia de Almodôvar num património arqueológico, do qual o concelho é, de certa forma, um dos epicentros.

Consequentemente, a necessidade de proceder à disposição da informação sobre esta temática e da sua expressão no concelho levou ao desenvolvimento do projecto Estela – Sistematização da Informação das Estelas com Escrita do Sudoeste, cujos principais pressupostos são expostos.

Este permitirá, através da caracterização dos contextos e território dos sítios arqueológicos no concelho de Almodôvar, a revisão e produção de conhecimentos sobre a sociedade que aí habitou e, que numa das suas fases, durante os meados do 1º milénio a.C., foi um local central da primeira região peninsular com escrita.

O seu enquadramento no MESA é determinante naquele que é o seu objectivo último: transpor o conhecimento científico adquirido para um território físico e humano, ou seja, transpor o Museu para o Território.

Assumindo-se o turismo como um agente dinamizador das regiões interiores, este deverá resultar na promoção do património cultural e na salvaguarda valorização e fruição futura de sítios arqueológicos e paisagens



O Arqueólogo Rui Cortes (MESA) junto à Estela do Arzil, Garvão

Projecto ESTELA – Sistematização da Informação das Estelas com Escrita do Sudoeste



Estela do Pardieiro, São Martinho das Amoreiras. Recolhida em 1980, pelo editor deste jornal, por Manuel Zacarias e José Pacheco. (réplica em exposição no MESA)

culturais. Estratégia que deve ser sustentada, antes de mais, por uma estratégia de Educação Patrimonial direccionadas para as populações locais, envolvendo-as nesse processo.

A Câmara Municipal de Almodôvar criou em 2007 o Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (MESA). A concepção deste núcleo museológico, investimento totalmente suportado pela Autarquia, resulta numa oferta e aposta cultural centrada num tema arqueológico que é a nível peninsular visto como um dos maiores ícones da Idade do Ferro do Sul do Baixo Alentejo/Algarve e do Sudoeste Peninsular – as estelas com Escrita do Sudoeste.



Veja esta inscrição da Escrita do Sudoeste Garvão, Ovar, séc. I a.C. Museu Nacional de Arqueologia

Grafito de Garvão. Proveniente do Depósito Votivo. Em exposição no MESA.

Animados por essa circunstância, e pelo facto das preocupações quanto aos conteúdos e à contextualização histórica dos

vestígios materiais terem sido assumidas como um dos objectivos do MESA (GUERRA: 2007), ao qual não deveria faltar um rigor na sua abordagem, foi posto em marcha a realização do projecto ESTELA – Sistematização da Informação das Estelas com Escrita do Sudoeste. Projecto que, numa primeira etapa, assenta essencialmente no processamento da informação já disponível, mas também na sua aferição, através da prospecção dirigida no terreno.

IN: Samuel Melro, Pedro Barros e Rui Cortes. *Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar, do Museu para o Território.* In: *Actas do Encontro, Arqueologia e Autarquias.* Cascais, 2011.

CONSTRUÇÃO REIS
de Dário Reis

- Montagem de tetos e paredes em pladur, madeira e PVC;
- Construção
- Pintura e impermeabilização

Telf. 926 539 301 - Email: darioreis1983@gmail.com

BAR
Casa do Povo
(Nova Gerência)
Luíz Rei & Zélia Bento

Petiscos - Bifanas - Tostas - Pizzas - Hamburgers
ORGANIZAM-SE I... S e EVENTOS

O IMPACTO DAS ANTIGAS FORMAS DE FAZER POLÍTICA DO SÉCULO XIX NOS JOVENS DA ATUALIDADE

A arte da oratória, utilizada para a construção das várias nações através da política, tem-se vindo a transformar num jogo de estímulos, na habilidade de criar um novo conceito de verdade, no dom da solução...

As estratégias utilizadas pelos partidos políticos, nada mais são do que a pura e dura manifestação do Fenómeno Populista, desenvolvido no século XIX. Este fenómeno nada mais é do que um “apelo ao povo”, utilizado nos nossos tempos de uma forma distorcida. Atualmente, os partidos políticos recorrem aos alicerces deste fenómeno e transformam-no no talento de dizer aquilo que o mais desfavorecido quer ouvir, criar soluções rápidas, que consigam combater as 3 grandes dificuldades da vida de qualquer um - dinheiro, saúde, realidade social.

Criam a falsa sensação de que somente aquele partido específico ou aquele grupo de pessoas em questão consegue transformar, em meia dúzia de primaveras, problemas estruturantes do nosso ou de qualquer país. Estas soluções são apresentadas como Soluções rápidas, tão óbvias... ficando bastante difícil não nos perguntarmos o porquê de nunca terem sido pensadas e postas em prática, visto que são revestidas de tanta simplicidade.

Somos bombardeados, principalmente nas campanhas políticas, de falsas promessas.

Não temos, em Portugal, políticas transparentes, verdadeiras, onde o futuro governante se comprometa com o que verdadeiramente consegue fazer e ambicionar aquilo que um dia seria, na ótica de todos, uma sociedade equilibrada.

Em vez disso, somos bombardeados, principalmente nas campanhas políticas, de falsas promessas, homens e mulheres com sextos sentidos, pessoas capazes de tudo, revestidas de uma espécie de força mágica, capaz de colocar o país “na linha”.

Questiono-me muitas vezes, enquanto jovem, de quem será a culpa. A culpa será desta política, não desonesta na sua íntegra, mas talvez “turva”, ou será nossa, da população, que escolhe acreditar cegamente nestas falsas promessas.

Este tipo de fazer e criar política serve simplesmente para conquistar o apoio de um público-alvo, no caso a grande

parte da nossa população portuguesa, a população envelhecida, que, na sua esmagadora maioria, não é tão instruída, o que, aos olhos dos grandes, são as mais fáceis de magnetizar. Se nos debruçarmos sobre este assunto. Conseguimos identificar traços semelhantes num regime português tão desprezado por todos, o regime salazarista.

O regime salazarista, não fomentava a educação dos cidadãos, quanto mais desligadas do mundo cultural e organizacional melhor, quanto mais as pessoas vivessem somente para o trabalho físico, sem qualquer interesse em desenvolver o intelecto, melhor. Assim, ninguém faz perguntas, ninguém coloca questões. Até estão descontentes, mas não sabem como eliminar o seu descontentamento, ou arranjar formas de o minimizar.

Assim, aqueles políticos que nós tanto idolatramos, que vão “mudar o mundo de uma só vez”, são os que mais nos ridicularizam, são os que mais se aproveitam, são os que mais desfrutam da nossa ingenuidade.

Estas estratégias enganadoras são tão poderosas que estão a conseguir obter o apoio dos mais jovens. Os jovens como eu estão simplesmente esgotados do mundo de hoje em dia, onde comprar uma pequena casa é uma fortuna, vem a sua independência a ser-lhes retirada não conseguindo, com os seus reduzidos salários, ter qualidade de vida. Sente-se exaustos dos longos anos de estudo que não trazem frutos, sendo obrigados a continuar na casa dos seus progenitores, visto que, se não o fizerem, ficam sem dinheiro para suportar outras despesas.

Este sentimento de revolta cria na mente dos mais novos a mesma sensação que os mais antigos possuem, preferem acreditar nessas promessas, preferem ter fé na mudança, esquecendo que esta nunca vai existir se nascer de uma realidade inventada.

Há que pensar pela nossa própria cabeça, tentar analisar as questões que são debatidas e perceber, nós próprios, se existe a possibilidade de resolver verdadeiramente determinados problemas, há que ser consciente. Se deixarmos de seguir as nossas crenças para andarmos todos em comunhão, “em fila”, quase mecanizados, voltaremos ao “antigamente” onde uma pessoa que pensa pela sua própria cabeça, consegue comandar milhares de outras que escolhem ser governadas sem questionar.



Mariana Alexandre
(Estudante de Direito)

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caixilharia de Aluminio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 — Rua Nova 25-B — GARVÃO

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoã
Lote 38
Padaria Martins
Rua de Ourique, 22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tel.s - 936 347 021 e 936 392 913



DEPÓSITO VOTIVO DE GARVÃO

As Placas Oculadas

Placas oculadas, em ouro e prata, da 2ª Idade do Ferro do Sul de Portugal, recolhidas no decorrer de escavações arqueológicas efectuadas em Garvão de Junho a Dezembro de 1982, representando olhos humanos de forma circular, de onde partem pequenos raios realizados por repuxamento fino, sugerindo as pestanas ou raios solares.

Encontram-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

ALGUNS EXEMPLOS



O QUE ACHA DE UM MUSEU NA VILA DE GARVÃO ?

Assunção Vilhena

É um lugar que nos liga ao passado e ao futuro, é memória. É uma maneira de proteger o património existente e atrair pessoas à terra e por conseguinte contribuir para a economia local.

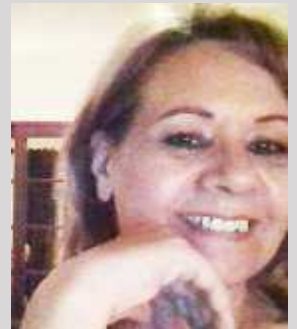
Em paralelo com o museu, talvez criar um roteiro turístico, pois a nossa freguesia tem locais de grande interesse histórico.



Alice Botelho

Acho muito bem, porque é uma terra de muitas tradições e que foram perdidas, temos de mostrar o que existia nas eras mais remotas e, agora que há menos gente temos de mostrar o que há para darmos valor ao que existia na terra.

Tantas árvores secaram
E tanta folha caída
Tantos corações pararam
E há tanta alma sem vida



Filomena Franco

Um Museu em Garvão será apenas um espaço para mostrar a todos parte da vasta riqueza do Depósito Votivo. Que urge ser feito rapidamente antes que se perca o que resta do espólio que as escavações dos anos 80 puseram a descoberto. Passados mais de quarenta anos não se compreende como ninguém fez nada pela Arqueologia de Garvão. Nem Museu, nem se continuou a exploração do Cerro. Por saber falta também onde era o Templo? Se havia Votos havia Divindade e logo o local onde a mesma era ADORADA.



Ricardo Mestre de Oliveira.

Dá mais desenvolvimento a Vila. Vai permitir que as peças encontradas aqui em Garvão venham para o Museu. É bom para nós que aqui vivemos, conhecermos um pouco de nosso passado e ao mesmo tempo dar a conhecê-lo a outras pessoas.



Carlos Miguel Lucas Vitorino

É uma maneira de atrair mais pessoas e dar mais movimento a Garvão e visitantes que venham visitar o Museu. Há muitas pessoas interessadas na história de Garvão que saíram daqui há muito tempo e que gostariam de ter um local onde pudessem ver o que aqui se tem descoberto e trazer os seus filhos para lhe mostrarem a terra dos avós



TAS'CA
MAGANA

TAKE AWAY
Bacalhau à Brás
Hamburguer
Omelete

Contacto p/encomendas:
961 464 238



FAMÍLIAS COM HISTÓRIA

Família Rocharte

Família originária de Pêra, no concelho de Silves.

Membros desta família, nascidos no século XIX, vieram para Garvão na primeira metade do século XX.

Ainda existe na memória recente da população a “venda” do Sr. Arnaldo Rocharte na Travessa do Álamo, casado com a Sr^a Regina. E a venda de peixe, nas ruas da vila, pelo Sr. José Domingos Rocharte, casado com a Sr^a Maria Delfina.

Arnaldo do Santos Rocharte, nasceu a 7/8/1921 e faleceu em 23/3/1997 com 76 anos. Pai de Octávio, Elisabela (Bélinha), Quirino e Lurdes.

José Domingos Rocharte, nasceu em Pêra e faleceu em Garvão a 9/1/1994, com 74 anos. Pai de José, Afonso, Vitória (Vitorinha) e Jesus.

Arnaldo e José Domingos, eram filhos de Manuel Fernandes Rocharte, nascido em Pêra a 3/8/1879 e falecido em Garvão, a 12/12/1967,² com 86 anos. Consta no livro de registo de enterros da Junta de Freguesia de Garvão nº 653,³ que teria falecido com 88 anos. Era casado com Tomásia Santos Rita, nascida por volta de 1889, natural de Pêra, falecida em Garvão a 31/7/1969, com 80 anos (segundo o registo de enterros da Junta de Freguesia de Garvão nº 685).

Manuel Fernandes Rocharte, de profissão almocreve, era filho de Manuel Fernandes Rocharte (homónimo com seu pai), e de Lucrécia Maria da Assumpção Mimoso,⁴ nascida a 3/11/1851. Ambos naturais de Pêra e moradores na Rua da Ribeira, em Pêra, (actual Rua Bartolomeu Dias).⁵

Manuel Fernandes Rocharte (pai), casado com Lucrécia, era filho de Fernando José Rocharte, casado com Maria Modesta e neto de Manuel Fernandes Roxarte, casado com Mariana Rosa. O avô Manuel Fernandes Roxarte e a avó Mariana Rosa, terão nascido por volta de 1790.

Manuel Fernandes Rocharte (pai), era ainda irmão de Brígida, nascida a 20/08/1852,⁶ e primo de outro Manuel Fernandes Rocharte,⁷ (carpinteiro de profissão e filho de Francisco Fernandes Roxarte, irmão de Fernando José Rocharte) residente na Rua do Forno, (esta rua ainda mantém a mesma designação antiga, mesmo depois das alterações efectuadas em 1963 que alterou os nomes antigos).⁸

De notar que a Paróquia de Pêra, era designada por *Paróquia do Divino Espírito Santo [Pêra]*. Encontra-se, nos registos paroquiais desta freguesia de Pêra, várias famílias com o sobrenome de *Espírito Santo*, nomeadamente nos registos dos anos entre 1850 e 1859, nºs 4, 9, 26, 42 e 45 entre outros. De notar igualmente a existência várias famílias em Garvão, no século XIX, com o sobrenome de Espírito Santo, onde esta vocação tinha grande aceitação e fazia parte do quotidiano desta terra que se manifestava essencialmente nos festejos populares.

² Registo de baptizados da Paróquia de Pêra, nº 37, do ano de 1879.

³ Este número corresponde igualmente à campa do Cemitério de Garvão.

⁴ Registo de baptizados da Paróquia de Pêra, do ano de 1851.

⁵ *A toponímia nas sedes de freguesia do concelho de Silves*. In: *Terra Ruiva – Jornal do Concelho de Silves*, 12 de Abril de 2021.

⁶ Registo de baptizados da Paróquia de Pêra, do ano de 1852.

⁷ Registo de baptizados da Paróquia de Pêra, do ano de 1854.

⁸ *A toponímia nas sedes de freguesia do concelho de Silves*. In: *Terra Ruiva – Jornal do Concelho de Silves*, 12 de Abril de 2021.

“OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER QUIBIR”

Filme realizado em 1975, com cenas filmadas na Sardoia, por altura da feira anual de Garvão, com a presença de alguns feirantes com os seus lugares de venda e os toldos armados.



Cena filmada na Sardoia, pela Feira.
Com Sérgio Godinho
In: <https://www.youtube.com/watch?v=mity4qOkuDQ>

Realizado por José Fonseca e Costa e rodado em 1975, a longa-metragem *Os Demónios de Alcácer Quibir* estreou a 9 de abril de 1977, em Lisboa.

Refletindo a imagem de um país que mergulha na memória de um passado recente (a vivência do regime anterior) e no espaço mitológico dos fantasmas que povoam o inconsciente nacional.

É um filme onde se destacam as interpretações de António Beringela, Ana Zanatti, Sérgio Godinho (que aqui se estreia no cinema português), João Guedes e Zita Duarte. Destacam-se também o trabalho de câmara e a fotografia.

As cenas iniciais do filme, passam-se na Sardoia, por altura da feira de Maio, e narra o percurso de uma pequena companhia teatral pelo Alentejo em vésperas do 25 de Abril, percorrido por uma série de símbolos da repressão e revolução que anunciam o fim da ditadura.

No Alentejo, dominado pela grande exploração agrária; pelos latifundiários, a repressão policial abate-se sobre os operários agrícolas em greve, em luta por melhores salários. Os membros do grupo teatral ambulante, são igualmente presos e expulsos para a charneca seca e agreste.

Apresentado em Cannes na Quinzena dos Realizadores, teve estreia comercial em Portugal em 1977. Tem canções de Sérgio Godinho, que tem aqui a sua estreia como actor no cinema português.

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA



Tel. 286 555 173 – Resid. 286 555 381
Rua do Álamo, 12 – GARVÃO

PADARIA VITÓRIA

Joaquim
Rosário Guerreiro



Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 – 777-141 GARVÃO



MOMENTO de POESIA

QUADRAS SOLTAS

I

Ainda desejava pisar
Caminhos de antigamente
Só para eu recordar
O tempo em que era gente

II

Às vezes quando aqui passo
Recordo com saudade
Numa esperança perdida
Toda a minha mocidade

III

Anda o sol na minha rua
Para dar graça aos olhos teus
A minha graça e a tua
Andam na graça de Deus

IV

Quando me ponho a pensar
Em tempos que já lá vão
Ouço a minha alma a chorar
Atrás do meu coração

V

Da campina até à serra
Tudo perdeu o condão
As fontes já não dão água
E a serra já não dá pão

VI

Aonde vais Portugal
Com os teus filhos cansados
À procura do destino
Nesses caminhos errados

Avelino Botelho, Vale de Santiago, 1970

RETIRO

Em tarde quente, subi a charneca.
A Primavera, anunciava-se nos aromas silvestres
de alecrim e rosmaninho.
Sozinho, os olhos abriram-se de espanto, perante
a verde paisagem, pontuada por flores e montes.
Apreciei, ao longe a serra de Monchique, ali a
barragem da Rocha, além Ourique e aqui perto o
branco casario de Garvão.
Em absoluto silêncio, os sentidos trouxeram
lembranças e recados do coração.
Pudesse eu parar o tempo.
Neste lugar ficaria em profunda meditação.

Francisco Alves
Abril 2024

MENINA DOS OLHOS TRISTES

Música de Zeca Afonso e Letra de Reinaldo Ferreira

A menina dos olhos tristes que chorava porque «o soldadinho não volta do outro lado do mar» era a imagem perfeita da angústia naquele universo de jovens que partiam todos os dias para a guerra e não regressarem, num destino que sabíamos poder em breve vir também a ser o nosso.

Menina dos olhos tristes
O que tanto a faz chorar
O soldadinho não volta
Do outro lado do mar

Vamos senhor pensativo
olhe o cachimbo a apagar
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

A lua que é viajante
é que nos pode informar
o soldadinho já volta
Do outro lado do mar

Senhora de olhos cansados
porque a fadiga o tear
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

Anda bem triste um amigo
uma carta o fez chorar
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

O soldadinho já volta
está mesmo quase a chegar
Vem numa caixa de pinho
desta vez o soldadinho
nunca mais se faz ao mar



Café Beira Linha
ALMOÇOS E
JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO



**LAR DE
GARVÃO**
Sardoa - Garvão



CÂNHAMOR
ECOblocos®
Sardoa - Garvão



**Padaria
MARTINS**
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 – GARVÃO



MONTARAZ
GARVÃO



**Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"**
Servem-se refeições e petiscos diversos
Gerência: Maria de Fátima Barroso e Maria Bárbara
Telems.: 927 / 936 234 652
Rua do Álamo. ** 7670-136 Garvão



2ª CORRIDA

“Trilhos do Montado e dos Enchidos”

No dia 15 (Junho, 2024), realizou-se em Garvão e Santa Luzia a 2ª Corrida “Trilhos do Montado e dos Enchidos” que ligou as duas localidades.

O rosto principal da organização é o vice-presidente da união de freguesias, Leandro Oliveira, um confesso entusiasta de corridas, que disse ao “Diário do Alentejo”: “Sempre gostei disto, e surgiu-me a ideia de fazer esta prova. Na união de freguesias achámos que teríamos capacidade para fazermos esta travessia entre Santa Luzia e Garvão, algo que nunca tinha acontecido, mas que achámos que seria interessante, até por unirmos as duas populações e sentirmos que poderíamos fazer algo de diferente, de inovador. Tínhamos razão, porque a prova foi um verdadeiro sucesso”.

Valeu a pena, garantiu, até pela participação das pessoas na preparação da prova, mas também na corrida e na caminhada.

A prova, contou com a presença de 78 atletas, num percurso de 10 km e numa caminhada de 5 km.

Veio quem quis e foi com estes que se escreveu mais uma história desta prova que, abnegadamente, vem evoluindo, fruto da vontade de pessoas, autarcas locais e voluntários que gostam de fazer acontecer coisas nas suas terras.



REFERÊNCIA AO JORNAL DE GARVÃO NO *DIÁRIO DO ALENTEJO* 30/6/2024 Por: Firmino Paixão.

(...) No escaparate das revistas e jornais do dia, surpreendeu-nos um título: “Jornal de Garvão”, uma publicação anual, dirigida por (...), numa edição dedicada às comemorações do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos, evoca factos, gentes e famílias que, outrora, sofreram na pele as agressões e as infâmias praticadas pela policia política, os esbirros alinhados com Salazar e Caetano. Não fossem aquelas terras, Garvão e Funcheira, conhecidas pela forte resistência ao regime ditatorial. Com este pensamento e com um sentimento de revolta ainda latente, ouvimos soar o tiro de partida.(...)

UNIÃO DE FREGUESIAS DE GARVÃO E SANTA LUZIA ABRE NOVO POSTO MÉDICO EM GARVÃO

A União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia, com o apoio da Câmara Municipal de Ourique, efetuou obras no antigo posto da GNR em Garvão, no sentido de converter, uma parte, ao atendimento da população com necessidades de consulta médica e outros cuidados de saúde.

Esta conversão do antigo posto da GNR em Centro Médico, com consultas às Segundas e Sextas Feiras, com marcação prévia, deveu-se ao encerramento do posto médico anterior, cujo atendimento se processava em instalações privadas e cujo encerramento privou a população de Garvão, dos devidos cuidados de saúde.

Com estas obras, procura-se continuar a prover à população local, as necessárias condições de atendimento médico que se observam, em Garvão, desde a instituição das Casas do Povo pelo governo da altura, em meados do século XX, e em cujas instalações esteve a funcionar o Posto Médico, até há relativamente pouco tempo.



CARPINTARIA CONVERSA

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

